

# O IMPACTO NAS RELAÇÕES FAMILIARES APÓS O DIAGNÓSTICO DE TEA: UMA REVISÃO DA LITERATURA

*The Impact on Family Relationships After the Diagnosis of Autism Spectrum Disorder: a Literature Review*

Eduarda Leontino<sup>1</sup>  
Fernanda Settecerze Rodrigues<sup>2</sup>

Artigo encaminhado: 30/12/2023  
Artigo aceito para publicação: 31/03/2025

## RESUMO

O enquadramento diagnóstico no Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode vir acompanhado de muita angústia para toda a família, principalmente para os pais de uma criança assim diagnosticada. A presente pesquisa objetivou compreender os efeitos do diagnóstico de TEA em famílias com crianças afetadas pelo transtorno. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica do tipo revisão de literatura. A busca de dados foi realizada no período de agosto e setembro de 2023, tendo sido triados 11 estudos. Os principais resultados encontrados apontam que o diagnóstico gera intenso estresse, luto simbólico e redefinição de papéis familiares, afetando principalmente as mães, que costumam assumir a maior parte dos cuidados. Também foram identificados sentimentos de isolamento social, insegurança quanto ao futuro e conflitos conjugais. Como fatores de proteção, destacaram-se o apoio social e comunitário e o acolhimento por equipes multidisciplinares. Conclui-se que a forma como o diagnóstico é comunicado e o suporte oferecido à família são determinantes para o enfrentamento saudável desse processo e para a preservação da saúde mental parental.

**Palavras-chave:** Diagnóstico. TEA. Impacto. Saúde Mental. Parentalidade.

## ABSTRACT

The diagnosis of Autism Spectrum Disorder (ASD) can be accompanied by great anguish for the entire family, especially for the parents. This research aimed to understand the effects of the diagnosis of ASD on families with children affected by the disorder. This is a bibliographic research of the literature. The data search was carried out in the period from August to September 2023, and eleven studies were screened. The main results found indicate that the diagnosis generates intense stress, symbolic mourning, and redefinition of family roles, mainly affecting mothers, who usually assume most of the care. Feelings of social isolation, insecurity about the future, and marital conflicts were also identified. As protective factors, social and community support and reception by multidisciplinary teams stood out. It is concluded that the way in which the diagnosis is communicated and the support offered to the

---

<sup>1</sup> Psicóloga. E-mail: [dudaleontino@outlook.com](mailto:dudaleontino@outlook.com)

<sup>2</sup> Psicóloga e professora da faculdade UNIGUAÇU. Foz do Iguaçu - PR. E-mail: [fernanda.settecerze@gmail.com](mailto:fernanda.settecerze@gmail.com)

family are decisive for the healthy coping of this process and for the preservation of parental mental health.

**Keywords:** Diagnosis. ASD. Impact. Mental health. Parenting.

## 1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio associado ao neurodesenvolvimento e com diferentes graus de classificação, a depender da severidade de cada caso (Caparroz; Soldera, 2022). Na atualidade, o TEA coloca-se como uma área de estudo cada vez maior devido ao grande número de casos que estão sendo diagnosticados em nível mundial. Apesar de, atualmente, existirem diversas pesquisas sobre fatores genéticos e ambientais que estão relacionados ao TEA, não há evidências da etiologia do transtorno, o que causa uma preocupação ainda maior (Leal; Costa; Fialho, 2024).

Segundo a quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), os critérios diagnósticos do TEA são o comprometimento persistente na comunicação social recíproca, na interação social, com padrões de comportamento e interesses ou atividades restritos e repetitivos (American Psychiatric Association, 2023). Esses sintomas costumam estar presentes desde a primeira infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário da criança.

O estágio em que o comprometimento funcional se torna mais aparente varia de acordo com as características do ambiente do indivíduo, mas admite-se que tais características são perceptíveis já durante o período de desenvolvimento infantil. Ainda segundo o DSM-V muitos indivíduos diagnosticados com TEA também possuem algum grau de deficiência intelectual e/ou de linguagem, além de déficits motores. Cerca de 70% das pessoas diagnosticadas têm alguma doença coexistente e 40% podem ter dois ou mais transtornos associados, sendo a deficiência intelectual a mais comum (American Psychiatric Association, 2023).

Segundo Caparroz e Soldera (2022) de 1% a 2% de crianças em todo o mundo apresentam características de TEA, sendo o sexo masculino o mais afetado por esse espectro: entre cinco crianças diagnosticadas, quatro são meninos. O TEA pode afetar todos os tipos de grupos socioeconômicos, culturais e raciais, porém grupos menos favorecidos acabam por ter menos acesso a profissionais

especializados e, conseqüentemente, podem receber o diagnóstico tardiamente, dificultando, assim, o tratamento. Condições financeiras geralmente dificultam o acesso aos tratamentos mais modernos e avançados (Roberto *et al.*, 2024).

Cumpra ressaltar que a incidência de diagnósticos vem crescendo há anos. Em 2000, o Centro de Controle de Doenças (CDC) dos Estados Unidos da América criou a Rede de monitoramento do TEA e Transtornos de Desenvolvimento (ADDM: *Autism and Developmental Disabilities Monitoring*) para rastrear a prevalência e analisar características de crianças com TEA e outros transtornos de desenvolvimento naquele país (Oliveira, 2023). Em 2002 esta rede indicou que uma em cada 150 crianças apresentava TEA; após quatro anos, em 2006, esta taxa aumentou para uma para cada 110 crianças. Entre 2008 e 2012, a incidência aumentou ainda mais: a cada 88 crianças, uma estava dentro do espectro autista, ou seja, o aumento foi de 70% em um período de seis anos (Grandin, 2015). Apesar de o TEA poder ser identificado antes dos dois anos de idade, e os sinais serem reconhecidos até mesmo em bebês pequenos, é infrequente a identificação do transtorno antes dos três anos de idade (Lima, 2010).

A estimulação precoce, atrelada ao fenômeno da neuroplasticidade, é de suma importância nesses casos. Quanto antes o diagnóstico for realizado, tão logo as estimulações devem começar e mais ganhos a criança terá. Neste sentido, há um crescente corpo de evidências mostrando que a intervenção precoce pode melhorar as habilidades sociais e de comunicação em crianças com esse transtorno (Gaiato, 2018).

O processo de busca pelo diagnóstico pode produzir tensões nas relações familiares, visto que é um percurso que demanda tempo, condições econômicas e gera incertezas emocionais. Habitualmente, a percepção de que existe a possibilidade do diagnóstico parte da família ou da escola e se inicia pela busca por profissionais qualificados. Em cada caso, o diagnóstico efetivo ocorre de uma forma, mas, habitualmente, a criança passa por mais de um profissional e é encaminhada para realizar diferentes exames, para que sejam descartadas outras hipóteses (Freire; Cardoso; 2022). Por este e outros motivos, o diagnóstico TEA pode trazer repercussões para a vida de algumas famílias, pois é comum que as rotinas familiares, já dissesse este início, se modifiquem como um todo (Roberto *et al.*, 2024).

## 1.1 Impactos nas Relações Familiares

As relações familiares geralmente sofrem impacto quando um membro é diagnosticado com uma doença ou transtorno. O diagnóstico de TEA pode trazer consigo sentimentos de luto pelos filhos idealizados que os pais esperavam ter. Genitores que têm seus filhos diagnosticados com o transtorno podem apresentar dificuldades emocionais devido à falta de conhecimento, mesmo com tantos estudos disponíveis sobre o tema (Roberto *et al*, 2024).

As características do TEA exigem que a família se adapte ao indivíduo, o que pode gerar insegurança, frustração, medo, luto e desesperança. Quando a imagem idealizada de seus filhos é quebrada, todos os membros da família são afetados. Dickel e Chatelard (2020) relatam que a psicodinâmica familiar necessita lidar com as mobilizações que vão ocorrer desde áreas financeiras até a vida física, psíquica e social.

Quando suspeita-se que existe algo de errado com o desenvolvimento do filho, a família começa a procurar respostas, passando por diversos profissionais até se chegar a um diagnóstico (Kiquio; Gomes, 2018). No entanto, os pais geralmente não estão preparados para a notícia de que seus filhos apresentam traços do espectro autista e, por mais que haja uma desconfiança, a confirmação de um especialista é algo impactante, visto que efetiva as suspeitas. Desta forma, os pais que buscam por especialistas desejam ouvir que a criança se desenvolverá e que tudo não passa de uma fase ou impressão. Na confirmação do diagnóstico, tal expectativa pode ser quebrada, trazendo angústia (Dickel; Chatelard, 2020).

Para a família, deparar-se com as limitações da criança autista, por menores que sejam, significa um encontro com o desconhecido. Enfrentar essa nova e inesperada realidade causa sofrimento, confusão, frustração e medo. Ser pai e mãe neste momento significa embarcar em uma experiência complexa, repleta de dificuldades e de extremas responsabilidades, pois a criança pode ser parcial ou totalmente dependente dos pais (Da Silva *et al.*, 2023);

Famílias que possuem um filho diagnosticado com TEA sofre mudanças dramáticas na vida social, nas expectativas, nos planos familiares, na vida profissional, no status financeiro e no bem-estar emocional. Entretanto, é comum que a figura materna, em muitos casos, assuma, majoritariamente, os cuidados com o filho. Além de se dedicar integralmente ao filho autista, ela precisa dividir seu

tempo entre outros filhos, seu cônjuge e as tarefas domésticas, o que pode prejudicar seu desempenho nessas áreas e na dinâmica familiar, causando para a pessoa dificuldades emocionais (Pinto *et al.*, 2016).

Atrelado a isso, pode-se ressaltar ainda que, quando a família recebe o diagnóstico, sejam os pais ou os cuidadores, pode haver uma fase de instabilidade psicológica, uma onda devastadora de emoções negativas como raiva, insegurança, medo, culpa, luto e, em alguns casos, sintomas relacionados à depressão e ao estresse (Kiquio; Gomes, 2018).

Em estudos comparativos entre famílias de crianças com diversas questões do desenvolvimento, observa-se que predomina uma visão negativa do diagnóstico do TEA, com sentimentos e reações de rejeição, tristeza, preconceito, dependência e superproteção. As famílias que possuem uma visão positiva são capazes de destacar as habilidades de seus filhos, apresentando como regularidades comuns as características potencializadoras (Anjos; Moraes, 2021). Diante dessa realidade, os sentimentos tornam-se justificáveis frente ao medo do desconhecido, do isolamento social e da rejeição que pode vir da sociedade, visto que o estigma e a discriminação dados a uma criança com deficiência provocam efeitos desagradáveis.

Há várias formas de negação diante do diagnóstico, pois se trata de um sistema de autodefesa emocional. Após a negação, comumente há relatos de sentimentos de raiva e, após, culpa, que trazem angústia. Somente após há a aceitação do diagnóstico, fase em que os genitores se sentem um pouco mais preparados para ajudar os filhos. Os estágios em relação à descoberta do filho com TEA podem alternar com o passar do tempo (Lima *et al.*, 2021).

O cuidado com a criança autista requer dos pais um dinamismo diário, pois ela não apresenta o mesmo comportamento todos os dias, embora os sintomas geralmente sejam os mesmos: isolamento social, rotinas e comportamentos repetitivos, risos inapropriados, atraso ou dificuldade na comunicação, ecolalia, fixação por girar objetos, entre outros. Algumas crianças com TEA não respondem aos métodos convencionais de aprendizagem, outras não mantêm contato visual, e podem possuir resistência ao contato físico e, em alguns casos, são autoagressivas. Entretanto, o que muda é a forma como a criança manifesta o seu comportamento, que se modifica diariamente. Isso exige da família, a cada momento, a descoberta de novas maneiras de atuar frente ao transtorno (Da Silva *et al.*, 2023).

A família desempenha o papel principal na conexão da criança com o mundo, moldando suas interações sociais e, conseqüentemente, suas relações. Para as crianças autistas, esse vínculo pode ser ainda mais significativo, tornando-se imprescindível a compreensão e o equilíbrio da dinâmica familiar para assegurar um desenvolvimento qualitativo para o menor. A participação, a dedicação e o amor que a família desenvolve pela criança com TEA é uma das saídas para conseguir amenizar a falta de recursos financeiros que seriam destinados para custear tratamentos caros e a falta de profissionais especializados para o acompanhamento da criança (Bellodi *et al*, 2024).

É perceptível o quanto o diagnóstico afeta não somente os pais da criança, mas também seus familiares, e que as mudanças que acontecem nesse meio são amplas e impactantes. Entretanto, o papel da família é primordial na vida da criança autista. O diagnóstico, como já explicitado, é marcado por conflitos internos e externos na família, tornando-se fundamental um olhar multiprofissional para os que recebem a notícia. E após a sua confirmação, é fundamental que os pais recebam informações e orientações acerca do tema, já que lidar com o diagnóstico pode ser confuso, delicado e desafiador (Roberto *et al*, 2024).

Logo, é de suma importância que os profissionais da saúde que lidam com esses casos possam compreender as particularidades e as características de cada sujeito e cada família, tendo em consideração suas experiências e conhecimento com termos técnicos e informações baseadas em evidências (Barbosa *et al.*, 2020). Especialistas devem se assegurar de que a notícia seja dada com excelência, sendo que, nesses casos, torna-se importante o auxílio da psicologia para esse contexto, tanto para os pais quanto para a criança diagnosticada, tendo o psicólogo o compromisso de conscientizar e orientar os genitores diante dessa nova realidade (Lopes, 2018).

## 2 METODOLOGIA

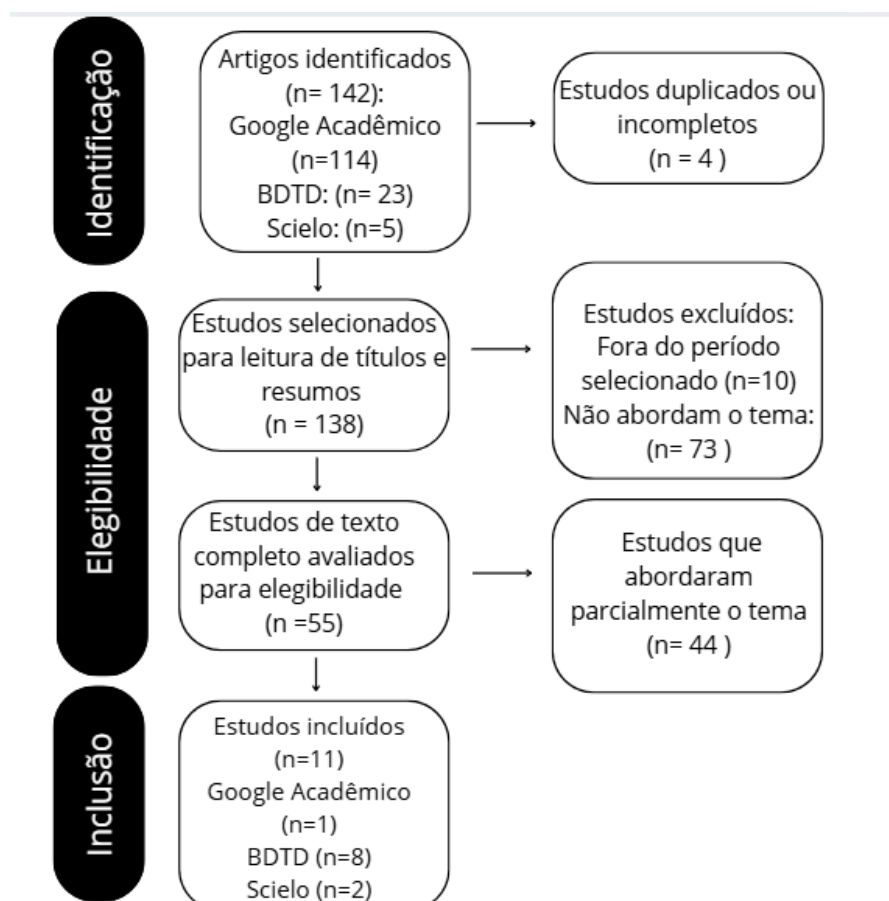
O presente estudo consiste em uma revisão da literatura, estruturada conforme as diretrizes do método PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses). Essa abordagem permite sintetizar os conhecimentos disponíveis sobre determinado tema, integrando resultados de pesquisas anteriores

de forma sistemática e organizada. A presente revisão teve como questão norteadora: Quais os principais efeitos do diagnóstico de TEA na saúde mental de pais e mães de crianças com TEA?

Como critérios de inclusão, foram selecionados artigos, teses e dissertações, publicados no período de 2016 a 2023, no idioma português, e que respondessem à questão norteadora. Já como critérios de exclusão, adotou-se livros, capítulos de livros, documentos oficiais e artigos não completos, escritos em outros idiomas e fora do período selecionado e que abrangessem tangencialmente o tema. A construção da revisão seguiu cinco etapas, conforme as recomendações de Arksey e O'Malley (2005): (1) identificação da questão de pesquisa, (2) identificação de estudos relevantes, (3) seleção dos estudos, (4) mapeamento dos dados e, por fim, (5) análise, síntese e relato dos resultados.

A Figura 1 representa o fluxograma da pesquisa, para melhor compreensão da maneira como se deu a busca pelos artigos.

**Figura 1** – Percurso da pesquisa dos estudos selecionados (set-out, 2023).





Fonte: Autoras (2025)

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No que se refere à amostra final, os 11 artigos escolhidos para análise na presente pesquisa foram organizados no quadro a seguir, incluindo informações como título, autores, ano de publicação e objetivo do estudo.

**QUADRO 1** – Amostra final da pesquisa

BASE	TÍTULO	AUTOR (ANO)	OBJETIVO	RESULTADOS
BDTD	Cuidando de crianças com o transtorno do espectro do autismo: percepções e sentimentos.	Riccioppo, M. R. P. L.(2019)	Compreender a percepção e os sentimentos de mães e de profissionais que acompanham crianças que apresentam o TEA.	Os pais experimentam sentimentos intensos de tristeza, medo, impotência e frustração após o diagnóstico. A sobrecarga emocional é constante, e o suporte social e profissional é fundamental para o enfrentamento.
Scielo	Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares.	Pinto, R. N. M.; Torquato, I. M. B.; Collet, N.; Reichert, A. P. da S.; Neto, V. L. de S.; Saraiva, A. M. (2016)	Analisar o contexto da revelação do diagnóstico do autismo e o impacto desse nas relações familiares.	O diagnóstico afeta diretamente a dinâmica familiar, gerando estresse, conflitos conjugais e mudanças na rotina. O acolhimento profissional influencia positivamente a adaptação familiar.
Scielo	Autismo infantil e estresse familiar: uma revisão sistemática da literatura.	Favero, M. A. B.; Santos, M. A. (2016)	Avaliar sistematicamente o tema do impacto psicossocial em famílias de crianças portadoras do transtorno autista.	Mães são as mais afetadas emocionalmente. O estresse familiar é elevado, relacionado à intensidade dos sintomas da criança e à carência de apoio psicológico e estrutural.



Google acadêmico	Crianças com perturbação do espectro do autismo - necessidades das famílias, suporte social e resiliência familiar.	Luz, R. S. H. (2018)	Analisar as necessidades das famílias de crianças com TEA, o seu suporte social e sua resiliência.	A ausência de apoio adequado gera exaustão nos cuidadores. No entanto, famílias com suporte formal e informal desenvolvem maior resiliência e adaptação ao cotidiano.
Google acadêmico	Mães de crianças autistas: sobrecarga do cuidador.	Dias, C. C. V. (2017)	Conhecer e analisar as representações sociais que as mães de filhos autistas têm sobre o autismo considerando a sobrecarga do cuidador.	A mãe assume, na maioria das vezes, o papel exclusivo de cuidadora, vivenciando esgotamento físico e mental, abandono de projetos pessoais e aumento do risco de depressão.
Google acadêmico	Análise das reações emocionais e comportamentais s em mães de crianças com TEA frente ao diagnóstico do seu filho.	Mariano, G. A. C.; Romanha, R. (2019)	Analisar as reações emocionais e comportamentais em mães de crianças com TEA, frente ao diagnóstico do seu filho.	O diagnóstico gera um luto simbólico e emoções como culpa, medo e negação. Com o tempo, algumas mães conseguem desenvolver estratégias de enfrentamento e aceitação.
Google acadêmico	Qualidade de vida de cuidadores de crianças com transtorno do espectro autista: revisão da literatura.	Chaim, M. P. M.; Neto, S. B. da C.; Pereira, A. F.; Grossi, F. R. da S.(2018)	Analisar os dados dos prejuízos relacionados aos fatores psicológicos e à ausência de suporte social que os cuidadores de criança com TEA possuem.	A qualidade de vida dos cuidadores é significativamente reduzida devido à sobrecarga, privação de sono, isolamento social e falta de tempo pessoal.
Google acadêmico	"Todo mundo quer ter um filho perfeito": vivências de mães de crianças com autismo.	Constantinidis, T. C.; Silva, L. C.; Ribeiro, M. C. C.(2018)	Compreender a vivência de mães de crianças com autismo	Mães vivenciam o luto pelo filho idealizado. O preconceito social e a ausência de apoio contribuem para sentimentos de frustração e solidão.
Google acadêmico	As experiências de famílias com filhos autistas: uma revisão integrativa da literatura.	Anjos, B. B.; Moraes, N. A. (2021)	Analisar os altos níveis de estresse, depressão e sobrecarga familiar após o diagnóstico de autismo.	O diagnóstico altera completamente a organização da família. A aceitação e adaptação dependem da rede de apoio e do acesso a serviços especializados.
Google acadêmico	O impacto do diagnóstico nos pais de filhos	Moraes, A. C. (2021)	Compreender o impacto do diagnóstico nos pais	Pais passam por diversas fases emocionais: choque,

	com TEA.		de filhos com autismo, a fim de caracterizar as emoções dos pais e reações frente ao diagnóstico.	negação, tristeza e aceitação. A falta de informação agrava o sofrimento inicial.
Google acadêmico	Percepção parental sobre o filho com autismo: as repercussões na adaptação familiar.	Portes, J. R. M.; Vieira, M. L. (2022)	Investigar a percepção parental sobre as repercussões do filho com autismo na adaptação familiar	A adaptação ao diagnóstico envolve mudanças nas relações familiares, redefinição de papéis e reorganização da vida cotidiana. O apoio técnico e emocional facilita esse processo.

**Fonte:** Autoras (2023)

O diagnóstico do TEA representa um marco significativo na vida das famílias, desencadeando emoções intensas como tristeza, medo, impotência e frustração, principalmente entre os pais (Almeida; Ribeiro, 2019; Barreto; Souza, 2018). Mães, em especial, são as mais afetadas emocionalmente, geralmente assumindo o papel exclusivo de cuidadoras, o que leva ao esgotamento físico e mental, à renúncia de projetos pessoais e ao aumento do risco de depressão (Ferreira *et al.*, 2022; Costa; Silva, 2019). O luto simbólico pelo filho idealizado é outro aspecto recorrente, acompanhado por sentimentos de culpa, negação e medo (Nascimento *et al.*, 2020; Silva; Gomes, 2020). A sobrecarga emocional, a privação de sono, o isolamento social e a falta de tempo pessoal afetam diretamente a qualidade de vida dos cuidadores (Santos; Nunes, 2021; Almeida *et al.*, 2020).

Além disso, o diagnóstico impacta profundamente a dinâmica familiar, gerando estresse, conflitos conjugais e mudanças na rotina diária (Rocha; Sousa, 2018; Andrade *et al.*, 2021). A ausência de apoio profissional e social intensifica o sofrimento dos pais e dificulta o processo de aceitação. Por outro lado, famílias que contam com redes de apoio formais e informais demonstram maior resiliência e capacidade de adaptação ao cotidiano (Souza; Carvalho, 2020). O acolhimento empático e a orientação técnica também favorecem o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento e transformações positivas nas relações familiares (Costa; Silva, 2019; Santos; Nunes, 2021), sendo essenciais não apenas para a criança com TEA, mas também para a saúde mental dos pais e cuidadores.

Estudos apontam que famílias que recebem acolhimento profissional qualificado, acesso a informações claras e uma rede de apoio sólida tendem a apresentar melhor adaptação ao diagnóstico (Andrade *et al.*, 2021; Silva; Gomes, 2020). O processo de aceitação não ocorre de forma linear, mas passa por etapas emocionais como choque, negação, tristeza e aceitação, sendo mediado pela qualidade do suporte recebido (Souza; Carvalho, 2020).

Todos os estudos incluídos nesta revisão apresentaram fatores de risco à saúde mental dos pais associados à descoberta do TEA do filho. Os mais comuns foram relacionados ao estresse no momento da descoberta e da adaptação e também da sobrecarga materna. Ademais, outros fatores como o desconhecimento do transtorno e o isolamento social causado pelo medo do preconceito também estiveram presentes nos relatos dos estudos. No que se refere aos fatores de proteção associados à descoberta do diagnóstico de TEA, tem destaque o apoio social, principalmente quando esse advém da escola ou da comunidade. Esses resultados são apresentados a seguir em uma síntese narrativa.

Para Mariano e Romanha (2019), Anjos e Moraes (2021) e Pinto *et al.* (2016), quando os pais descobrem que um filho está a caminho, expectativas são geradas e planos para o futuro são feitos. Os pais imaginam um bebê saudável e perfeito, entretanto, essas expectativas são interrompidas no momento em que eles notam que a criança apresenta divergências em seu comportamento e recebem o diagnóstico de TEA.

O diagnóstico é um momento complexo para as famílias, caracterizado por sua delicadeza e desafios, isso porque, com a revelação, a família vê-se confrontada por sentimento de apreensão diante das demandas dessa nova jornada. Isso acontece uma vez que as mudanças no ambiente familiar são desencadeadas devido às adaptações necessárias e à constante assistência à criança com TEA, o que, conseqüentemente, afeta as dinâmicas familiares e requer uma redefinição dos papéis dos seus membros. Nesse momento, os pais são acometidos por um forte estresse e uma intensa preocupação com o futuro, o que pode desencadear tanto sintomas físicos quanto psicológicos, decorrentes do luto pelo filho antes idealizado. Tal condição aparece na maioria dos estudos selecionados no presente trabalho, levando a crer que tal cenário é bastante comum entre os pais e ocorre com

frequência (Anjos; Moraes, 2021; Favero; Santos, 2016; Pinto *et al.*, 2016; Mariano; Romanha, 2019; Moraes, 2021; Pontes; Vieira, 2022).

A preocupação que advém do diagnóstico de TEA pode ser decorrente do desconhecimento do transtorno, levando os pais a terem dúvidas sobre o futuro ou, ainda, sobre prognósticos e tratamentos disponíveis. Durante esse período, os pais podem receber conselhos diferentes dos especialistas, o que pode torná-los ansiosos, inseguros e mais confusos, afetando o estado emocional. Nesse contexto, o acolhimento e o suporte profissional tornam-se um importante fator de proteção para a saúde mental desses pais (Anjos; Moraes, 2021; Favero; Santos, 2016; Pinto *et al.*, 2016; Mariano; Romanha, 2019; Constantinidis; Silva; Ribeiro, 2018; Moraes, 2021; Pontes; Vieira, 2022). Assim, a presença de uma equipe multidisciplinar que ofereça apoio emocional se torna essencial para suporte à família e para criar um ambiente acolhedor, no qual os envolvidos possam compartilhar suas dúvidas e preocupações. No entanto, nem sempre esses profissionais estão preparados para tal, fazendo com que a preocupação e o sentimento de estresse aumentem (Pontes; Vieira, 2022; Moraes, 2021; Constantinidis; Silva; Ribeiro, 2018; Chaim *et al.*, 2018; Dias, 2017).

Outra característica muito presente nos estudos foi o isolamento social decorrente do sentimento de estresse e do cansaço exacerbado oriundos das pesadas rotinas do dia a dia (Anjos; Moraes, 2021; Luz, 2018; Chaim *et al.*, 2018; Pontes; Vieira, 2022, Favero; Santos, 2016). Pais relatam que, em alguns casos, após o recebimento do diagnóstico, afastaram-se de suas famílias e comunidades temendo o preconceito. O que se percebe é a apreensão dos pais por seus filhos poderem ser alvo de discriminação na sociedade ou não consigam alcançar autonomia devido às suas limitações, além de ser muito doloroso o preconceito para com os seus filhos. O cenário da falta de auxílio social e/ou discriminações é experimentado intensamente pelos pais de crianças com TEA (Dias, 2017; Mariano; Romanha, 2019; Pontes; Vieira, 2022). Nesses casos, o sofrimento emocional e psicológico chega a ser insuportável, fazendo com que muitas vezes haja crise familiares, culminando, inclusive, no rompimento de casamentos (Anjos; Moraes, 2021).

O TEA traz consigo transformações no dia a dia da família, contudo, a mudança mais substancial acontece na rotina das mães. À medida que

testemunham a dependência de seus filhos, as mães passam a direcionar sua dedicação integral a eles, caracterizando uma sobrecarga nas funções maternas. Recaem sobre as mulheres as responsabilidades de cuidado, fazendo com que muitas vezes elas abdicuem de seus trabalhos em prol da manutenção da rotina de cuidados dos filhos e na tentativa de garantir o bem-estar da família. Nesses casos, as mulheres buscam uma melhor qualidade de vida para os filhos, enquanto aumentam sua sobrecarga de trabalho, potencializando os danos à sua própria saúde mental (Riccioppo, 2019; Pinto *et al.*, 2016; Luz, 2018; Dias, 2017; Constantinidis; Silva; Ribeiro, 2018; Portes; Vieira, 2022).

Neste sentido, enquanto algumas mães assumem a principal responsabilidade pelo cuidado da criança, os pais desempenham o papel de prover financeiramente e auxiliar as mães nas tarefas parentais. Essa situação levou muitas mulheres a se queixarem da desigualdade na divisão das responsabilidades relacionadas ao cuidado de crianças com TEA. Deste modo, a importância do apoio familiar torna-se essencial para a redução da sobrecarga do cuidador e para a redução do nível de estresse nas mães (Favero; Santos, 2016; Portes; Vieira, 2022).

Portanto, conforme mencionado anteriormente, para a criança autista e sua família, a presença de uma equipe multidisciplinar é fundamental, além de outras redes de apoio, que também desempenham um papel relevante nesse contexto. Deste modo, Anjos e Moraes (202), Riccioppo (2019), Pinto *et al.* (2016), Luz (2018), Dias (2017), Mariano e Romanha (2019), Chaim *et al.* (2018), Constantinidis, Silva e Ribeiro (2018), Moraes (2021) e Portes; Vieira, 2022 revelam que o suporte social, principalmente de equipes de especialistas com bases teóricas e técnicas nos campos da saúde e da educação, que abrange não apenas o período de diagnóstico, mas se estende ao acompanhamento da criança autista e sua família ao longo de grande parte de sua vida, é de suma importância. Ademais, o apoio da comunidade, dos familiares, vizinhos e amigos desempenha um papel crucial na promoção da saúde emocional dos pais e mães de crianças com TEA, funcionando como importante fator de proteção e favorecendo a manutenção da saúde mental desses cuidadores.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Compreende-se que o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista gera inúmeras inseguranças e incertezas no âmbito familiar e, juntamente com isso, vem o estresse, ansiedade e pressões financeiras, bem como manifestações de estigmas e desilusões alimentadas pela expectativa do filho ideal. Tais sentimentos, aliados à constatação de que o TEA permanece permeado por uma série de paradigmas e uma lacuna significativa em relação ao entendimento do diagnóstico, tornam ainda mais longo o processo de aceitação, o que sublinha a importância de provisão de orientação, apoio e cuidado meticuloso por parte dos profissionais de saúde. Desta forma, busca-se atenuar a magnitude dos impactos e evitar que eles se revelem como fontes exacerbadas de frustração.

Apesar de existirem muitos estudos voltados ao TEA, é nítido que os pais que recebem o diagnóstico frequentemente enfrentam desafios emocionais consideráveis, justamente devido à carência de compreensão aprofundada sobre o transtorno.

Portanto, é compreensível que tais emoções se manifestem de maneira justificada, considerando o receio do desconhecido, do medo da exclusão social e da rejeição que pode vir da sociedade. Afinal, os estigmas e discriminações enfrentadas por uma criança com deficiência representam efeitos adversos, particularmente acentuados quando experimentados no âmbito familiar.

Uma limitação desta revisão de literatura está relacionada ao recorte temporal adotado, uma vez que foram incluídos apenas estudos publicados entre 2017 e 2023 e no idioma português. Isso pode ter restringido o acesso a produções relevantes em outros idiomas e contextos culturais. Além disso, o número reduzido de bases de dados utilizadas pode ter limitado a abrangência dos achados.

Apesar disso, esta revisão oferece uma importante contribuição para o avanço científico e assistencial no contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Ao reunir e analisar as evidências disponíveis sobre o impacto do diagnóstico na saúde mental dos pais, o estudo possibilita uma melhor compreensão das demandas emocionais e sociais enfrentadas pelas famílias. Esses achados podem subsidiar a formulação de políticas públicas, práticas de acolhimento e intervenções interdisciplinares mais humanizadas, promovendo suporte psicológico eficaz e estratégias de enfrentamento no período pós-diagnóstico.

## REFERÊNCIAS

Alves, Angela Karenine Saraiva.; Alves, Thamy Saraiva. O autismo e o psicólogo na psicologia clínica. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 8, n. 2, p. 201-218, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v8i2.4162>. Acesso em: 19 jun. 2023.

American Psychiatric Association (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**: DSM-5-TR. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

Anjos, Brenna Braga dos; Moraes, Normanda Aaraújo. de. As experiências de famílias com filhos autistas: uma revisão integrativa da literatura. **Cienc. Psicol.**, Montevideo, v. 15, n. 1, e2347, jun. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22235/cp.v15i1.2347>. Acesso em: 8 abr. 2023.

Arksey, Hilary; O'Malley, Lisa. Scoping studies: towards a methodological framework. *International journal of social research methodology*, v. 8, n. 1, p. 19-32, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1364557032000119616>. Acesso em 06 abr 2025.

Barbosa, Malom Bhenson Tavares; Julião, Isaac Henrique Tavares; Sousa, Ana Karollyne Cavalcanti. **Atuação dos profissionais enfermeiros no transtorno do espectro autista**. Trabalho de Conclusão de Curso. Caruaru: Centro Universitário Tabosa de Almeida, 2020. Disponível em: <http://repositorio.asc.es.edu.br/handle/123456789/2894>. Acesso em 8 abr 2023.

Bellodi, Jéssica *et al.* A Importância da família e da psicomotricidade no desenvolvimento da criança com TEA: Um estudo de caso. **Revista Diálogos Interdisciplinares**, v. 4, n. 16, p. 170-190, 2024. Disponível: <https://doi.org/10.55028/gepfip.v4i16.22321> Acesso em 06 abr 2025.

Caparroz, Joelma.; Soldera, Paulo Eduardo dos Santos. Transtorno do Espectro Autista: impactos do diagnóstico e suas repercussões no contexto das relações familiares. **Open Minds International Journal**, v. 3, n. 1, p. 33-44, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.47180/omij.v3i1.142>. Acesso em: 10 maio 2023.

Chaim, Maria Paula Miranda *et al.* Qualidade de vida de cuidadores de crianças com transtorno do espectro autista: revisão da literatura. **Cad. Pós-Grad. Distúrb. Desenvolv.**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 9-34, jun. 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-03072019000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072019000100002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 24 out. 2023.

Constantinidis, Terezinha Cid; Silva, Laila Cristina da; Ribeiro, Maria Cristina Cardoso. “Todo Mundo Quer Ter um Filho Perfeito”: Vivências de Mães de Crianças com Autismo. **Psico-USF**, v. 23, n. 1, p. 47-58, jan. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712018230105>. Acesso em: 17 abr 2025.



Da Silva, Ana Júlia Vigarani *et al.* Pelo olhar da família: repercussões do autismo. **Revista Master-Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 8, n. 15, 2023. Disponível em: <https://revistamaster.emnuvens.com.br/RM/article/view/462>. Acesso em: 06 abr 2025.

Dias, Camila Cristina Vasconcelos. **Mães de crianças autistas: sobrecarga do cuidador e representações sociais sobre o autismo**. 2017. 172 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

Dickel, Débora Crivelaro; Chatelard, Daniela Scheinkman. Considerações sobre o corpo na constituição subjetiva do bebê com deficiência. *Reverso*, v. 42, n. 79, p. 23-28, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7872388> Acesso em 06 abr 2025

Fávero, Maria Ângelo Bravo; Santos, Manoel Antonio dos. Autismo infantil e estresse familiar: uma revisão sistemática da literatura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 3, p. 358-369, set. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722005000300010>. Acesso em: 15 maio 2023.

Freire, Milson Gomes; Cardoso, Heloísa dos Santos Peres. Diagnóstico do autismo em meninas: Revisão sistemática. **Revista Psicopedagogia**, v. 39, n. 120, p. 435-444, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.51207/2179-4057.20220033>. Acesso em 06 abr 2025.

Gaiato, Mayra. **S.O.S. Autismo**: guia completo para entender o transtorno do espectro autista. São Paulo: nVersos, 2018.

Grandin, Temple. **O cérebro autista**: pensando através do espectro. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 2015.

Kiquio, Thais Cunha de Oliveira; Gomes, Karin Martins. O estresse familiar de crianças com transtorno do espectro autismo - TEA. **Revista de Iniciação Científica**, UNESC. v. 16, n. 1, p. 1-12, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/iniciacaocientifica/article/view/4270>. Acesso em: 23 de abr. 2023.

Leal, Julliana de Araújo Souza; Costa, Joyce Pinheiro Leal; Fialho, Eder Magalhães Silva. Fatores de risco durante o período gestacional para o desenvolvimento do autismo. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 24, n. 9, p. e17113-e17113, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e17113.2024>. Acesso em 06 abril 2025.

Lima, Jhonatan Correia *et al.* Luto pelo filho idealizado: pais de crianças com TEA. **Revista Eletrônica da Estácio Recife**, v. 7, n. 3, 2021. Disponível em <https://reer.emnuvens.com.br/reer/article/view/636>. Acesso em: 17 abr 2025.

Lima, Rossano Cabral et al. **Autismo como transtorno da memória pragmática: teses cognitivistas e fenomenológicas à luz da filosofia de Henri Bergson**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2010.

Lima Velloso, Renata *et al.* Protocolo de avaliação diagnóstica multidisciplinar da equipe de transtornos globais do desenvolvimento vinculado à pós-graduação em distúrbios do desenvolvimento da Universidade Presbiteriana Mackenzie. **Cadernos de Pós-graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, v. 11, n. 1, 2011.

Lopes, Claudio Neves. Autismo e família: o desenvolvimento da autonomia de um adolescente com síndrome de Asperger e a relação familiar. **Revista diálogos e perspectivas em educação especial**, v. 5, n. 1, p. 53-66, 2018. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/dialogoseperspectivas/article/view/6727>. Acesso em: 19 jun. 2023.

Luz, Rute Sofia Heitor. **Crianças com perturbação do espectro do autismo: necessidades das famílias, suporte social e resiliência familiar**. 2018. 107 f. Dissertação de mestrado em Psicologia da Educação. Algarve: Universidade do Algarve, 2018.

Mariano, Geovana Aparecida Chagas. **Análise das reações emocionais e comportamentais em mães de crianças com TEA frente ao diagnóstico do seu filho**. Graduação em psicologia. Psicologia-Tubarão, 2019. Disponível em <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/10467> Acesso em 05 mai 2023.

Moraes, Arizla Cunha de. **O impacto do diagnóstico nos pais de filhos com PEA**. 2022. Dissertação de Mestrado. Lisboa:Universidade Lusíada.

Oliveira, Thiago Barreto. O Direito das Pessoas Portadoras do Transtorno do Espectro Autista. **Revista Eletrônica da Estácio Recife**, v. 9, n. 2, 2023. Disponível em: <https://reer.emnuvens.com.br/reer/article/view/751>. Acesso em: 20 dez. 2023.

Pinto, Rayssa Naftaly Muniz *et al.* Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 37, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.61572>. Acesso em 17 abr 2025.

Portes, João Rodrigo Maciel; Vieira, Mauro Luís. Percepção parental sobre o filho com autismo: as repercussões na adaptação familiar. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v. 16, n. 2, p. 1-23, 2022. Disponível em <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2022.v16.32614> Acesso em 20 dez 2023.

Reis, Sabrina T.; Lenza, Nariman. A Importância de um diagnóstico precoce do autismo para um tratamento mais eficaz: uma revisão da literatura. **Revista Atenas Higeia**, v. 2, n. 1, p. 1-7, 2020. Disponível em: <http://atenas.edu.br/revista/index.php/higeia/article/view/19>. Acesso em: 5 jun. 2023.

Riccioppo, Maria Regina Pontes Luz et al. Cuidando de crianças com o transtorno do espectro autista: Percepções e sentimentos. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do triângulo Mineiro. 2019. Disponível em: <http://bdtd.ufmt.edu.br/handle/123456789/1348>. Acesso em 20 dez 2023.

Roberto, Tiago Moreno Lopes *et al.* As propostas terapêuticas ofertadas no tratamento do TEA no Brasil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 5, p. 1974-1993, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v10i5.13003>. Acesso em 06 abr 2025.

Silva, Eliene Batista Alves; Ribeiro, Maysa Ferreira M. Aprendendo a Ser Mãe de uma Criança Autista. **Revista EVS-Revista de Ciências Ambientais e Saúde**, v. 39, n. 4, p. 579-589, 2012. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/estudos/article/view/2670/1632>. Acesso em: 15 maio 2023.

Silva, Vanessa Luzia Queiroz *et al.* Avaliação da Estratégia de Saúde da Família: relato de experiência do treinamento dos pesquisadores de campo. **Revista Atenas Higeia**, v. 1, n. 1, p. 10-16, 2019. Disponível em: <https://revistas.atenas.edu.br/higeia/article/view/9>. Acesso em 20 dez 2023.

Souza, José Carlos *et al.* Atuação do psicólogo frente aos transtornos globais do desenvolvimento infantil. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 24, p. 24-31, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000200004> Acesso em 06 jun 2024.